

A LÍNGUA ESPANHOLA NO ESPAÇO DA TRÍPLICE FRONTEIRA

Denise Scolari Vieira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerar as circunstâncias sócio-históricas dentro das quais tem se articulado o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), na UNIOESTE (Universidade Oeste do Paraná)-*campus* de Marechal Cândido Rondon e assinalar, no cenário de intervenção intelectual da universidade pública, na região da Tríplice Fronteira, as diversas formas de sociabilidade, a partir de uma perspectiva de defesa das culturas não-hegemônicas viabiliza o exercício de novas práticas de ensino e Espanhol como Língua Estrangeira.

Mas, como é possível por em prática uma revisão histórica que permita redimensionar o ensino do espanhol num outro caminho? Como mover-se em lugares, cujos nacionalismos exacerbados também potencializam a dispersão?

De modo geral, admite-se, que, nas condições atuais pelas quais atravessa o ensino-aprendizagem de línguas na universidade, há riquezas, dificuldades e dilemas, muitos deles ainda não superados. Com isso, o esforço de reflexão a respeito das experiências construídas, visa observar possíveis direções, contrárias às condições contemporâneas impostas à produção cultural.

Portanto, frente às novas estratégias econômicas e aos desafios histórico-políticos engendrados em lugares, instituições e rituais na formação e visibilidade dos textos da cultura, é possível fomentar a atitude crítica e a multiplicidade de vozes discursivas. Desse modo, enfatiza-se a ideia de que estão ao alcance lugares de enunciação, nem arrogantes, tampouco subalternos, para a construção de uma visão forjada *a contrapelo* das representações estéticas, científicas e políticas da Identidade/Alteridade marcadas pelos binarismos e hierarquizações. Nesse processo, que ao mesmo tempo se reelabora mediante a tensão entre a continuidade e a mudança, podem

Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Colegiado de Letras/Espanhol da UNIOESTE/*campus* de Marechal. Professora de Literatura do PROFLETRAS/UNIOESTE/*campus* de Cascavel.

emergir ideias, práticas, respostas inesperadas e criativas, cuja plasticidade advém do patrimônio imaterial, capaz de reverter padrões e modelos. Só assim, será possível potencializar novos trajetos para o ensino/aprendizagem de línguas, nas margens das culturas que entram em contato.

O que nos interessa reforçar, no território densamente permeado pelas leis de mercado dos bens simbólicos, é a focalização do acervo cultural que a região engendrou. Ou, mais exatamente, o objetivo desse trabalho é anunciar, de que maneira vem sendo urdida uma tessitura simbólica, mediante a qual, o conhecimento da língua espanhola tem dinamizado percepções dos processos sócio-históricos formadores da cultura e da subjetividade. O propósito, como área estratégica, é propiciar uma visão da complexidade que o “roteiro de estudos”, na universidade permite dinamizar. Portanto, de uma construção discursiva pautada pelo “olhar do estrangeiro”, mas, sem a pretensão de passar à retórica do “regresso das caravelas”, o ensino-aprendizagem de espanhol, por exemplo, pode alçar conteúdos e novos gestos de percepção do Eu e dos Outros, mediante projetos de intervenção de leitura das formações discursivas e culturais.

Assim, podem surgir novos relacionamentos com outros campos sociais, novas interpelações na estrutura interna e, o reconhecimento do reposicionamento desta questão na agenda pública. Desse modo, o impulso criativo da recepção e apreciação do sentido do estudo de línguas estrangeiras, pode e, deve articular-se com as instituições e com as agendas políticas. Então, a mudança mais decisiva será a compreensão de que precisamos inscrever-nos na circularidade criativa do plurilinguismo. Trata-se de romper o senso comum inculcado, que penetrou no cotidiano social e na organização de bens simbólicos e tem salientado o ensino/aprendizagem de um ou outro idioma no país. Para dar início à tarefa de traçar esses novos itinerários, faz-se necessária a derrocada das valorações, marcadas pelos jogos de poder, o que pode apontar para outro horizonte de expectativas. De fato, a publicização de nossas práticas evidencia a variedade de narrativas construídas como forma contundente de estimular tendências analíticas e críticas. Essa problemática remete diretamente à questão do desenho curricular que, embora, muitas vezes reatualizado, parece manter a atribuição de sentido e valores mediante a presença das hierarquizações. Apesar disso, pode-se ativar dar fluxo às experiências subjetivas e traçar outra cartografia simbólica, contrária à construção oficial.

Conforme essa assertiva, capaz de evidenciar “lugares de fala” decorrentes da ruptura com práticas intelectuais anteriores, o ensino/aprendizagem de línguas pode construir e experimentar novos gestos de leitura e escrita da Identidade/Alteridade, na medida em que é capaz de produzir a intensificação da confluência, entre o pronunciar (se), pronunciar os Outros e o Mundo, para traduzir (se), problematizar (se), interpretar (se). Esses temas permitem que possamos refletir sobre os gestos de intervenção no Mundo, como sendo um projeto coletivo, múltiplo e aberto à aprendizagem contínua.

CONTEÚDOS E REDES DE CONHECIMENTO

Em termos de indagação sobre as práticas docentes na sala de aula de E/LE, talvez, uma vez mais se abram as formulações que envolvem a concepção de linguagem, de aprendizagem, a formulação dos objetivos, dos conteúdos, das técnicas.

Entretanto, para avançar também na trilha da superação do já dito, é possível valorizar mais um ponto, animados por um projeto de docência pautado pelas redes intelectuais, cuja tessitura começa na sala de aula e volta o olhar para os elos de convivência formados em diálogo sempre vivo no ambiente universitário e fora dele.

Nesse sentido, o esforço de intensificar as relações significativas no ensino/aprendizagem de línguas leva em conta ritmo, pausas e rupturas.

E, parece que o processo, mais difícil seja construir objetivos específicos, perceber o fio tenso e frágil da formulação de práticas não-lineares de aprendizagem e propor questões temáticas que não apostem nas formulações reducionistas.

Por isso, é nos contextos sociais, situados entre os domínios estético e histórico, em meio às atividades cotidianas que, o empreendimento cognitivo, no decorrer de várias aulas, professor e alunos podem verificar hipóteses e experimentar cada momento, avançando e gerando questões culturais.

Dessa forma, ao relatar uma experiência, neste caso, enfatiza-se, não o ponto de partida, mas as sucessivas etapas ocorridas no decorrer de um ano letivo. Em busca da seleção de conteúdos foi engendrada a experimentação da travessia. Uma trajetória repleta de obstáculos, porque

apresentou uma montagem de temas, frequentemente distante do cotidiano de reflexão daqueles alunos e, devido à hipótese sustentada pela emergência de formação política daquele grupo, parecia ter sido organizada uma arena de disputas e resistência de ambos os lados.

Durante os trabalhos de efetivação de práticas leitoras e de expressão oral, foram propostos textos sobre os seguintes temas: *Globalización S.A.*, *Acuífero Guaraní*, *Comida Basura*, *Comida Slow Food*, *Commodities* e o filme *También la lluvia*, entre outros, todos com um fio condutor em comum, pensar a diversidade linguística e cultural, mediante práticas de leitura que possibilitassem a apreensão das inúmeras mudanças de rumo da formação cultural.

Então, no jogo entre as hipóteses e as consecuições, articulou-se uma abordagem de assuntos que aparentemente escapavam ao cotidiano desses interlocutores. Contudo, as circunstâncias que traçaram a nossa trajetória é a questão crucial deste relato de experiência, pois se mostraram mediante o senso da incompletude e aproximação, de insatisfação e de avanço, e, curiosamente, pela primeira vez, pude verificar que não foi impedimento, ao contrário, configurou-se como incentivo. Desfez-se a disputa e ganhou o diálogo e o respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, desatar o liame estabelecido pelas antinomias e oposições circulantes dentro e fora da sala de aula, alargar os circuitos de compreensão da subjetividade do Eu/Outro para ampliar espaços de pertencimento são questões que puderam aparecer no debate sobre ensino/aprendizagem de línguas. Foi possível admitir a fluência incessante no espaço da *movência* e, constatar que a expansão de nossa experiência, nessas circunstâncias, parece ter sido a nossa maior conquista nesse ano de trabalho na Universidade Pública.

Então, temos pensado não somente sobre aspectos metodológicos, mas políticos, de tal modo, que revisar as histórias mais locais, mais nacionais, não implica negar o pensamento crítico de outros lados.

Dessa forma, potencializa-se a proposição do ensino de línguas estrangeiras, mediante a formulação de redes intelectuais que se familiarizem

com as vozes de diversas procedências, muito além dos Estados-Nação. Uma tarefa, nada obsoleta, que nega o monopólio do ocidente restrito e se abre ao plural discurso da variedade geo-cultural do mundo.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BULHÕES, Maria Amélia e KERN, M. Lúcia Bastos (Orgs.). *América Latina: territorialidades e práticas artísticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CARBONI, Florence e MAESTRI, Mário. *A Linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas, SP: Pontes, 2004.